

As Cinco Pedras da Funda de Davi, Segundo Vieira

The Five Stones in David's Sling, According to Vieira

Cláudia Couto

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

RESUMO: A série de cinco sermões intitulada *As cinco pedras da funda de Davi* foi escrita e pregada quando Vieira estava em Roma e freqüentava a corte da Rainha Cristina, da Suécia. Deverão ser lidos como sermões morais, que nos trazem a imagem do homem que, ao tentar superar-se, se aproxima de Deus. Através das cinco pedras (conhecimento de si mesmo, dor do bem perdido, pejo do mal cometido, temor do castigo, esperança do gosto e prêmio eterno), o orador pretende demonstrar como o homem pode chegar ao limpo e heróico de suas ações, demonstrando que, através do conhecimento de si mesmo, é possível chegar a Deus, senhor do verdadeiro entendimento.

PALAVRAS-CHAVE: Deus; Conhecimento de Si Mesmo; Alma.

ABSTRACT: Vieira wrote and preached his series of five sermons titled *The five stones in David's sling* when he was in Rome, at a time when he frequented the court of Christina of Sweden. They should be read as moral sermons concerned with the image of man who, in an attempt to transcend himself, moves closer to God. Through the image of the five stones – self-knowledge, sorrow over a loss, shame for evil perpetrated, fear of punishment, and hope for an eternal prize –, the preacher intends to demonstrate how man can achieve clean and heroic action through self-

172

knowledge, which enables him to reach God, the master of true understanding.

KEYWORDS: God; Self-Knowledge, Soul.

Vieira chega a Roma, depois de ter passado pelo Mediterrâneo¹, no dia 21 de novembro de 1669. Vem tentar, junto ao Papa Clemente X, a isenção das acusações feitas pela Inquisição. Bem recebido, faz questão de narrar a recepção, em carta de 27 de novembro de 1669, a Dom Rodrigues de Menezes:

O padre geral me recebeu com demonstração extraordinária de afetos, e o mesmo experimento em todos os religiosos desta casa, que hoje é uma recopilação de toda a Companhia, por se acharem nela em congregação os enviados trienais de todas as províncias. O certo é, senhor, que os portugueses conhecem a Antônio Vieira, pois só eles o trataram como merece.

O padre assistente de Portugal, com quem nunca tive correspondência, e outros muito senhores me foram receber duas milhas fora de Roma com duas carroças, sendo tanto mais para estimar este amor, quanta é a diferença com que el-Rei D. João, que está no céu, mandou a Roma este mesmo homem há vinte anos, então com a maior confiança e autoridade, e hoje, quando só me era necessária, com suma indignidade. (VIEIRA, 1971, v. II, p. 275)

Nos seus primeiros tempos em Roma, inicia a publicação dos sermões, exigida pelo Geral como forma de recuperar a imagem do jesuíta e da instituição, prosseguindo também na escrita da *Clavis Prophetarum*.

D. Afonso não lhe dera a atenção que desejava, não reconhecendo o seu trabalho, e o mesmo acontecia com D. Pedro, apesar de manterem entre si uma freqüente correspondência, acompanhando os acontecimentos políticos em Lisboa.

Neste contexto, Vieira conhece a rainha Cristina² da Suécia, patrona das artes e da ciência. Acolhida pelo papa Alexandre VII, fixa residência em Roma, tornando-se uma sensação, fazendo de seu palácio um lugar de encontro entre intelectuais e artistas.

Logo se torna a sua protetora, solicitando-lhe a presença no seu selete salão literário.

Em 13 de fevereiro de 1674, Vieira escreve a Duarte Ribeiro de Macedo, um dos seus principais correspondentes no período em que morou em Roma, falando sobre a responsabilidade de pregar para a rainha, refere-se aos sermões sobre “As cinco pedras da funda de Davi” (“cansadíssimos sermões da rainha”):

Antecipo esta ao correio de amanhã, porque é o primeiro dos cansadíssimos sermões da rainha. Melhor fora fazê-los em Portugal, onde a matéria hoje era tão abundante. Mas nem de público, nem em particular nos querem ouvir. (VIEIRA, 1928, v. III, p.16)

“Le cinque pietre della fuonda di David” foram editadas em Roma, Milão e Veneza no ano de 1676, tendo sido traduzidas do italiano para o português, provavelmente pelo cônego Francisco Barreto (e outros autores não identificados com certeza ainda). [...] Serafim Leite atribui a tradução portuguesa destes sermões ao padre José Soares, acompanhante e secretário de Vieira, ou a outro padre qualquer da companhia. Em Sommervogel a tradução vem atribuída ao conde de Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses. Os cinco sermões foram editados em Madrid, Saragoça e Valência, em 1676 e, segundo o que consta no frontispício das edições espanholas, teriam sido traduzidos pelo próprio Vieira. A tradução portuguesa que integra a edição póstuma do tomo XIV de 1710, embora supervisionada por Vieira, não é de sua autoria, portanto. (ACTAS, 1999, p. 1807-1808).

Em duas de suas cartas, endereçadas ao cônego Francisco Barreto, Vieira faz referências à tradução dos sermões, uma em 15 de julho de 1690:

Eu, por aviso que tive do p. Baltasar Duarte, tinha

começado a traduzir as cinco pedras; e, tanto que li esta honra que V. mercê lhe queria fazer e a mim, logo levantei a pena do papel e a lancei da mão, e me parece que Davi, para maior glória do seu triunfo, fez alguma oração no céu, e quis ajuntar ao primeiro tiro os quatro que não tiveram lugar na tal funda, para que com a harpa mais bem temperada sejam cantados na língua portuguesa; e porque V. Mercê não tenha isto por encarecimento ou lisonja, digo e pudera jurar que, lendo esta carta de V. Mercê, reconheci nela tal soberania de estilo e tal superioridade ao meu que, se não amara tanto a V. Mercê, me pesara muito de a ter lido. Torno a dizer que esta é a sincera e pura verdade; e fôra eu mui ignorante, se assim o não entendera e confessara. Finalmente, pelo bem que quero às cinco pedras de Davi, peço a V. Mercê, pelo que elas significaram, que esta segunda e melhor vida que da pena de v. mercê receberam não seja como de intérprete, senão de autor, que tudo se pode atribuir à diferença da frase castelhana. (VIEIRA, 1928, v. III, p. 596-597)

E outra, em 16 de julho de 1692:

Vindo à tradução das *Pedras de David*: depois que li a de V. Mercê fiquei livre de um grande receio que tinha, não consentindo por isso que se traduzissem, e era que na língua portuguesa perdessem a graça e energia castelhana; mas a elegância do estilo de V. Mercê lhe deu tão novos espíritos e as passou de tal sorte a melhor vida, que já parecem mais lisas e limpas em português que em castelhano, devendo este novo ser ao heróico do tradutor. Digo tradutor, posto que V. Mercê me diga que o foi só do primeiro discurso, e dos quatro seguintes os senhores N. e N, a quem beijo muitas vezes as mãos por essa

honra. Os estilos são tão irmãos e conformes, que mais parecem de uma só que de três penas; o que só crê e confessa a nossa fé nas obras divinas. Na forma em que agora tornam as mesmas *Pedras*, que Deus seja servido levar a salvamento, verá V. Mercê algumas palavras mudadas, de que darei a razão ou razões. (VIEIRA, 1928, v. III, p. 650)

É em Roma, na corte da Rainha Cristina, que Vieira vem a pregar a série de Sermões intitulada *As cinco pedras da funda de Davi*, onde o orador aborda a pura e limpa ação que o homem pode ter diante de Deus e de si mesmo. Cinco são as pedras atiradas à cabeça do ouvinte:

A primeira foi branca e transparente, qual a pedia o conhecimento de si mesmo: a segunda negra, pela dor do bem perdido; a terceira vermelha, da dor da vergonha, a quarta da cor do temor, pálida, ou amarela, e esta última, como dizia, verde, da cor da esperança: *spes aeterni gaudii*. (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 273)

Podemos lê-los como sermões morais, que nos trazem a imagem de um homem que, ao tentar superar-se, aproxima-se de Deus.

Vieira, como Santo Agostinho, acreditava na dicotomia do homem em corpo e alma: ao corpo cabia a parte vulgar e ignóbil do homem, à alma, uma origem divina.

Para Santo Agostinho, a origem da alma está em Deus que a criou: “A alma foi criada por Deus e tem natureza própria porque assim lhe foi concedido pelo mesmo que criou a alma e criou os quatro elementos, ou seja, por Deus”. (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 23).

Sendo criada por Deus, a natureza da alma é semelhante à d’Ele, lembrando que semelhança não é igualdade. Santo Agostinho prossegue na sua argumentação, dissertando sobre a potência da alma. Esta não pode ser imaginada “no seu sentido dimensional: tamanho, largura, vigor físico” (SANTO AGOSTINHO, 1997,

p. 27), porque tudo isto faz parte do corpo. Devemos desprezar o corpóreo, não nos prendendo a este mundo visível, perceptível pelos sentidos. Não podendo definir a alma com “expressões materiais” (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 28), afirma que ela não tem qualquer tipo de dimensão: “Não é longa nem larga, ou dotada de força física, e não tem coisa alguma que entre na composição dos corpos, como medida e tamanho”. (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 28).³

O corpo, parte vil do homem, deve ser detestado, como diz, com extrema força, o apóstolo Paulo:

Tratava S. Paulo o seu corpo, como se não fosse uma parte sua, senão um escravo rebelde, e como tal o castigava, e domava a açoutes: *Castigo corpus meum, et in servitute redigo*; estimava o seu corpo, não como parte sua, senão como um cárcere penoso, escuro, e hediondo, mais terrível que a mesma morte, e como tal suspirava por se desapegar, e livrar-se dele. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 196)

Também na “*Imitação de Cristo*”, de Tomás de Kempis, se encontra a mortificação do corpo como forma de se chegar a Deus. Para entrarmos em comunhão divina com o Criador, é necessário que estejamos livres do pó de que somos feitos: só através da alma podemos conhecer a Deus. O corpo, sendo finito, perece e morre; só a alma é infinita. Esta é gerada por Deus, filha deste mesmo Pai, sopro divino que anima o corpo, e é através dela que chegamos ao Criador.⁴

Vieira ensina, através das cinco pedras (conhecimento de si mesmo, dor do bem perdido, pejo do mal cometido, temor do castigo, esperança do gosto e prêmio eterno), como o homem pode chegar ao limpo e heróico de suas ações. Na pedra do conhecimento de si mesmo, pode aprender que só por este se pode chegar a Deus; na da dor do bem perdido, que o único bem que se perde é Deus, e esta é a fina dor. Na do pejo do mal cometido, que a vergonha mais heróica do homem, enquanto

cristão, é envergonhar-se de Deus e, enquanto homem, de si mesmo. A mais heróica entre os homens é o pejo de suas ações diante do outro. O temor do castigo é temer o Inferno, não por não ver Deus, mas para não O blasfemar. A pedra da esperança e do gosto eterno é esperar em Deus e só n'Ele depositar todas as esperanças.

A PRIMEIRA PEDRA: O CONHECIMENTO DE SI MESMO

No primeiro sermão, a pedra atirada é a do conhecimento de si mesmo. Pedra dura e dificultosa, pois conhecer-se a si mesmo é uma árdua tarefa. Os antigos já traziam como epígrafe o “conhece-te a ti mesmo”. Vieira demonstra com a força das parábolas que, conhecendo a si mesmo, o homem pode chegar a Deus, senhor do verdadeiro entendimento, e que só poderá empreender grandes feitos quem tiver um perfeito conhecimento de si mesmo. Quem tem por si baixa estima não pode empreender grandes ações. É preciso que o homem se veja grande, se quiser realizar grandes obras. Para tanto, tem que se conhecer não pela parte vil do seu ser, que é o corpo, mas pela parte nobre, que é a alma. As ações podem ser heróicas e limpíssimas, sendo heróico tudo aquilo a que, pelo difícil, se pode chegar.

Argumenta Vieira: Deus, conhecendo-se a si mesmo, a sua grandeza, a sua onipotência, a sua infinitude, gerou em seu seio o Verbo, que é a imagem mais exata de Deus: “e o parto que saiu deste imenso conceito de si mesmo foi outro ele; outro mesmo foi e é o Verbo, tão grande, tão imenso, tão infinito, tão onipotente, tão Deus como o mesmo Pai” (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 188). Sendo filho do conhecimento que Deus tem de si, o Verbo torna-se tão Deus como o mesmo Deus.

Percebemos a dimensão que Vieira dá ao Verbo. Equiparado a Deus, como fruto do conhecimento que Este tem de si mesmo, o Verbo torna-se divino e, sendo gerado pelo Pai, toma a dimensão do sagrado. Sendo o Verbo sagrado, e sendo o sacerdote o revelador da palavra divina, podemos pensar que a este é dado o dom da revelação, através do Verbo.

Vieira nos apresenta a história de Davi e Golias, e nos diz: “Quando Davi se pôs contra Golias, Saul duvidava de sua vitória, mas Davi não” (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 188). Saul media Davi pelo gigante e, sendo este de grande estatura e aquele, de pequena, julgava pelo que via. Assim julgava Saul, não Davi. O seu julgamento não era entre si e o gigante, mas de si mesmo consigo: — “porque eu não faço comparação de mim ao gigante, senão de mim a mim” (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 188). E esta era a força de Davi, o conhecimento de si mesmo, força poderosa a atuar sobre as ações dos homens, pois só pode empreender obras portentosas quem se tem em alta estima.

Para chegar a Deus, senhor do conhecimento pleno, o homem precisa, pois, conhecer-se a si mesmo. Vieira, pensando como Santo Agostinho e Tomás de Kempis, acredita que o corpo, por ser finito, perece e morre, e, por ser pó, é parte ignóbil do homem, não se podendo chegar a Deus através dele. Sendo a alma infinita, somente através dela é que se pode chegar ao Criador.

A SEGUNDA PEDRA: A DOR DO BEM PERDIDO

Vieira abre o seu sermão com um pensamento de Tertuliano. Este argumenta que nesta vida não se padecem só os males, mas também os bens. Pergunta Vieira: E que bens são estes que se padecem? “Os bens que já foram, e se acabaram, e que não nos deixaram de si outra prenda, que a memória e dor” (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 205).

Esta a segunda pedra atirada: a dor do bem perdido.

Os bens do mundo, ou os falsos bens, adquirem-se com trabalho e perdem-se com a dor. Sendo a dor castigo, não remédio, os bens do céu, que são os verdadeiros bens, também se podem perder, “porém se te lastima e dói tê-los perdido, a mesma dor da perda é remédio dela. A ferida causa dor, e a dor sara a ferida: tal é a virtude da pedra de hoje [...]” (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 205).

Vieira resume a matéria deste discurso em três palavras: dor, perda

e bem. E assim argumenta: crendo que a dor é a medida da perda, e a perda a medida do bem, e sendo o bem possuído menos estimado que o bem perdido, segue-se que a perda cresce e faz maior o bem, e sendo o bem perdido, feito maior, faz também maior o bem, pois é da perda que nasce o conhecimento.

Indaga Vieira: por que o bem perdido se estima mais depois que se perde do que quando se possuía?

Dizem, comumente, que a razão desta maior estimação é a dor, porque o bem possuído é objecto do gosto, e o bem perdido é objecto da dor; e a dor move o sentido mais eficazmente que o gosto. A filosofia é verdadeira, porém a resposta falsa. [...] A maior estimação do bem perdido não provém da dor da perda, nem da mesma perda do bem; mas por ocasião da perda provém o maior e verdadeiro conhecimento do mesmo bem, o qual antes de perdido não se conhecia. (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 207-208)

Esta é a condição de todo bem: só se conhece nesta vida depois de passado. “Este é todo o mistério da dor do bem perdido: da perda nasce o conhecimento; do conhecimento, a estimação; da estimação, a dor: *Dolor amiss?*”. (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 211). O maior bem do bem é chegar a perder-se, pois perdido se conhece e se lhe dá o lugar que merece.

Mas qual será a fineza da dor? Este é o ponto principal do argumento do sermão. Toda dor do bem perdido é grande, mas não basta ser grande para ser fina. Para responder a esta questão, Vieira divide os bens em bens mais perdidos e bens menos perdidos. O bem menos perdido é aquele que, depois de perdido, se pode recuperar: o bem mais perdido é aquele que, depois de perdido, não se recupera:

Perde um homem a Deus, e perde o tempo: qual é maior perda? Em razão de bem é Deus, em razão de perdido é o tempo; porque Deus perdido pode recuperar-se; o

tempo perdido não se pode recuperar. Mais: há bens perdidos, que com a mesma dor de tê-los perdido se recuperam: e há bens perdidos, que com nenhuma dor se podem recuperar depois de perdidos. (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 212)

A dor fina, heróica e limpa é a que chora a perda de um bem perdido que com nenhuma dor se pode recuperar: “Doer-se do bem perdido, que se recupera com a dor, é remédio; doer-se do bem perdido, que com nenhuma dor se pode remediar, é dor.” (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 214). “Quem chora o bem perdido, que se pode remediar com a dor, ama o seu alívio; quem chora o bem perdido, que com nenhuma dor se pode remediar, ama a sua dor, e esta é a dor verdadeira e fina.” (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 215)

Prossegue Vieira em suas argumentações, dizendo que o maior e o melhor bem perdido é Deus e a graça de Deus, que se perde pelo pecado. Mas se Deus perdido e a sua graça se recuperam com a dor, parece que sobre a perda deste bem não cabe a fina dor. Vieira diz que sim, e prossegue:

No pecado há uma cousa que se pode remediar, outra que não tem remédio: e que duas cousas são estas? Uma é o pecado, outra o haver pecado: o pecado pode remediá-lo o pecador com a dor; o haver pecado não o pode remediar com nenhuma dor, nem ainda o justo: porque o pecado pode-o perdoar a misericórdia; o haver pecado pode desfazer a Omnipotência. Daqui vem que depois de remediado e perdoado o pecado, e depois de recuperada pela dor a graça perdida, se contudo o pecador se dói não já do pecado, senão de haver pecado, esta dor é a fina, a heróica, a pura e limpa dor do sumo bem perdido; [...] (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 218).

Vieira indaga o porquê da existência da dor: “para que Deus fez a dor, que parece tão contrária, e tão inimiga da mesma natureza?” (VIEIRA,

1959, v. 5, tomo XIV, p. 223) e responde:

[...] nenhum mal se remedeia com a dor, senão o pecado; nenhum bem se restaura pela dor, senão a graça, logo só para remédio deste mal e só para restauração deste bem foi feita a dor. Oh dor! Remédio único do sumo mal! Oh, dor! Preço único do sumo bem! (VIEIRA, 1959, v.5, tomo XIV, p.224)

Se escapar da dor, nesta vida, é impossível, “que melhor conselho logo que reduzir todas as dores a uma só dor e tantas dores inúteis e vãs, e de maior tormento, a uma só dor, que nesta e na outra vida me livra de todas”? (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 224)

E termina o sermão, aconselhando: Levai este último documento, e sejam epílogo de todo o meu discurso estas duas palavras: Conhecer que a dor é o único remédio do bem perdido; e que o maior bem perdido é a dor que se perde. (VIEIRA, 1959, v. 5, tomo XIV, p. 224)

A TERCEIRA PEDRA: O PEJO DO MAL COMETIDO

A vergonha é o efeito natural do pecado. O primeiro pecador do mundo foi Adão que, pecando por desobediência, teve como primeiro fruto do seu erro o pejo do mal cometido.

Recordemos a história: Adão e Eva, tentados no paraíso pela serpente, comem do fruto proibido. A lei de Deus era clara: se o comessem, teriam como castigo a morte. Mas por que Deus permite que Adão e Eva fiquem vivos? Responde Vieira: “Como o pecado estava já castigado com a vergonha, não quis Deus castigá-lo com a morte” (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 227). Entre o sangue que a morte tira das veias e o sangue que sobe à face pela vergonha do ato cometido, prefere Deus este último, por ser este mais nobre:

[...] por que o sangue da vergonha é muito mais nobre e muito mais fidalgo: aquele é sangue do corpo, este é

espírito do sangue; aquele é sangue animal, este é sangue racional; aquele derrama-o a violência, este destila-o o afeto; aquele é vingança da justiça, este é vítima da consciência; aquele castiga Deus ao pecador, com este o pecador castiga a si mesmo. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 228)

A vergonha pode ser resultante de três “afetos”: envergonhar-se de Deus, envergonhar-se de si mesmo e envergonhar-se dos homens. A vergonha mais heróica do cristão é envergonhar-se de Deus, e a mais heróica do homem é envergonhar-se de si. Aqui, fazemos uma leitura da primeira pedra. É preciso conhecer-se a si mesmo para, diante desta imagem de si, poder envergonhar-se de suas ações.

Analisemos a primeira proposição: envergonhar-se de Deus. Vieira argumenta que envergonhar-se de Deus pode não ser uma ação heróica, pois, sendo a vergonha filha natural do pecado, e o pecado, uma ofensa a Deus, nada mais natural do que envergonhar-se de Deus. Argumento correto, se não alertasse o pregador:

[...] a vergonha natural nasce da vista recíproca, e se forma entre olhos e olhos: entre os olhos do que vê, e os olhos do que é visto. Nós não vemos a Deus, e ainda que Deus nos veja, contudo não vemos que nos vê, e que o homem, não vendo a Deus, nem vendo que é visto de Deus, ainda assim se envergonhe de Deus, como se a vista de uma e outra parte fosse recíproca, este é o ato mais heróico da vergonha cristã. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV)

E conclui: a vergonha nasce da vista recíproca, entre olhos que se vêem e que são vistos. A vergonha mais heróica é a do homem que, diferentemente de Adão, não vê a Deus, mas mesmo assim sente vergonha das ações cometidas.

Acompanhemos a segunda proposição, a vergonha de si mesmo. Propõe Vieira: “estando só um homem no mundo, pode ele, nesta solidão, envergonhar-se de si mesmo? Se esta vergonha for heróica, sim”, responde

Vieira.

Retornando à argumentação de que, se a vergonha nasce da vista recíproca, a vergonha heróica é aquela que não precisa do outro para confirmar as suas ações, esclarece:

Envergonhar-se dos homens, e perder reputação com eles, é vergonha vulgar, e que não argui virtude, senão ambição; envergonhar-se de si, e perder reputação consigo mesmo, esta é a vergonha heróica; assim que então terás chegado ao sumo grau da generosidade humana: *Cum tantum profeceris, ut sit etiam tibi tui reverentia* – quando chegares a estado que te respeites, e te reverencies a ti mesmo: *Cum te effeceris eum, coram quo peccare non audeas*. – E quando te fizeres, e fores tal que não te atrevas a pecar diante de ti: *Coram quo*. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 233)

A terceira proposição diz respeito à vergonha [que o homem tem] dos homens. A respeito dos homens pode haver vergonha heróica? Vieira argumenta que sim. E continua: estando o mundo corrompido, dominado pela inveja, avareza, usura, quem se envergonhará dos seus atos ilícitos? “Aonde a maior parte é o engano; a dissimulação, prudência; a mentira e a lisonja, merecimento; quem se envergonhará de mentir?” (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 238). Se, em um mundo tão corrompido, houver alguém que se envergonhe dos seus próprios atos, esta será a vergonha heróica.

A QUARTA PEDRA: O TEMOR DO CASTIGO

Das cinco pedras jogadas por Vieira, esta é atirada com maior força: o temor do castigo. Vieira, nos cinco sermões, tem proposto um argumento limpo e heróico. Tratando-se do Inferno, poderá ele sê-lo? “Parece-vos que todo o Inferno metido em um alambique afoqueado não poderá destilar uma quinta-essência, ou de pena que seja limpa, ou de temor que seja heróico? Eu cuido que sim”. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 247)

O que mais teme Vieira não é o que no inferno padecem os homens, mas o que padece Deus. Deus, onipotente e onisciente, criador do céu e da terra, está em todos os lugares, estando também no inferno, onde não pode padecer como sujeito de penas, mas sim como sujeito de injúrias.

Que o homem padeça eternamente no inferno, e careça eternamente da vista de Deus, é terrível, mas que o homem blasfeme e maldiga a Deus, isto é terribilíssimo, e este é o inferno do Inferno.

Pode assim haver dois infernos? “No capítulo vinte do Apocalipse diz o Evangelista profeta, que acabado o Dia do juízo viu lançar o inferno no fogo do Inferno”. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 253)

A que dois infernos faz menção o evangelista? Há o inferno do fogo, que queima no centro da terra aonde são atormentados os condenados, e há o inferno no coração dos homens que blasfemam contra Deus, e onde Deus é odiado.

[...] para distinção das outras chamas do Inferno: as outras chamas do inferno queimam e abrasam ao condenado; as chamas da blasfêmia, que saem da boca do condenado, intentam, se puderam, abrasar e queimar ao mesmo Deus; as outras chamas do Inferno, como justas e racionais, contêm-se nos limites do centro da Terra; as chamas da blasfêmia, como furiosas e sem freio de lei, nem razão, não só penetram e passam a Terra, mas sobressaem e chegam até o Céu: *Posuerunt in Coelum os suum*. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 258)

O céu é o gozo a mais dos homens e recompensa pelo bem praticado; o inferno, lugar de castigos e penas. O homem, feito à imagem e semelhança de Deus, almeja o céu, mas será ele merecedor?

Os eleitos alcançam o céu e a graça divina; os pecadores, as penas do inferno. Dividem os teólogos as penas do inferno em “pena de sentido, que é o fogo, e em pena de dano, que é a

privação da vista de Deus” (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 247). Jó considera que o pior motivo para se temer o inferno é a sua falta de ordem.

Pensa assim Santo Agostinho, mas assim não pensa Vieira, pois acredita que há uma ordem no inferno:

O condenado ali está, e assim está aonde e como é suma ordem que esteja. – Aonde está o condenado? No inferno. E como está no inferno? Ardendo em vivas chamas. Logo, aquele lugar é ordenado, e ordenadíssimo, porque está o condenado aonde e como deve estar; aonde, porque está no inferno, e como, porque está ardendo. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 344-345)

Davi divide o inferno em três partes:

[...] fala literalmente das penas do Inferno, e diz que o cálix dos condenados é composto e temperado de três ingredientes: fogo, enxofre e tempestades; o fogo é a pena do sentido; o enxofre, que o faz mais ardente e mais escuro, é a pena de dano; e as tempestades são as blasfêmias, as injúrias, as maldições, que por sumo furor, raiva e ódio de Deus se fulminam e sobem perpetuamente do Inferno ao Céu. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 258)

Vieira nos diz que, se compararmos as três partes em que Davi divide o Inferno, devemos temê-las a todas: a pena do sentido, a pena do dano e o ódio e blasfêmias contra Deus. E, assim como a segunda pena é muito mais terrível que a primeira, pois o fogo é mal finito, e Deus, infinito, a terceira excede, e muito, a segunda. “Temer o inferno por não ver a Deus, é temê-lo por amor de mim; temer o inferno por não blasfemar de Deus, é temê-lo por amor de Deus; e por isto este temor é o mais fino e heróico” (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 259). O homem deve temer o inferno não por não ver a Deus, mas para não blasfemá-lo: é isto

que deve temer quem limpa e heroicamente teme o inferno, pois o maior horror que pode haver no mesmo inferno é Deus blasfemado.

A QUINTA PEDRA: A ESPERANÇA DO GOSTO E O PRÊMIO ETERNO

É chegada a última pedra; esta é verde, da cor da esperança. Vieira, fazendo uma comparação, recorda a história dos argonautas: estes descobriram o cabo da Boa Esperança, Vieira pretende ir além, “descobrir o cabo não da boa, nem da melhor esperança da Terra, senão da mais limpa, da mais fina e da mais heróica do céu”. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 273)

E argumenta:

A esperança e o gosto eterno, esta é a matéria de hoje; mas nem o gosto nem o eterno se atam bem com a esperança; o gosto, não, porque a esperança é tormento; o eterno tampouco, porque a esperança é virtude desta vida e do tempo, não chega à eternidade. Assim parece no sentimento comum; porém, no meu não é assim: o gosto eterno, isto é, a bem-aventurança do céu, consiste em ver e amar a Deus eternamente: o ver responde à fé, o amar à caridade, e a eternidade digo eu que à esperança: Não se atará a esperança ao gosto enquanto gosto; mas enquanto eterno sim, e por quê? Porque Deus é justo remunerador, e quando paga a esperança com o gosto eterno, ou com o eterno do gosto, paga uma eternidade com outra: a eternidade do esperar com a eternidade do gozar. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 274)

Considerando ser o céu o objeto da esperança, e nele estando Deus e outros bens criados sobrenaturais e quase divinos, que faz à vista deles a esperança? Sendo ela pura e limpa, quer alcançar Deus e os bens criados, mas, sendo ela puríssima,

limpíssima, esquece os bens criados e olha só para Deus; e esta é a esperança fina e heróica.

Por que foi Davi tão singular na sua esperança? Porque não a depositou nem na sua lança, nem na espada, senão em Deus: “Porque não esperarei no meu arco, e a minha espada não me salvará.” (SALMOS, 43,7). Davi galgou todos os degraus da esperança, chegando a esperar tão pura e limamente, e fechando toda a sua espera em Deus. Pergunta Vieira: Que deseja Deus de nós?

Que quer, ou espera Deus de nós? Nenhuma cousa, senão a nós mesmos: *Te, est non tua*, diz Santo Agostinho: *Te, et non tua*, diz S. Gregório: Logo se Deus não quer de mim mais que a mim, eu não devo querer de Deus mais que a Ele. Assim como os que se combatem ou desafiam, medem as espadas; assim nós, se queremos obrar generosamente, havemos de medir com Deus os corações, ele de uma parte com a sua soberania, e eu da outra com a minha esperança: este sim, que foi o maior duelo de David, e não o outro do gigante. (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 282)

Temos três modos de esperar: esperar em Deus, esperar de Deus, e esperar naqueles e daqueles que não são Deus. Esta última é a esperança que aprendem os homens na escola do mundo. Empenham-se eles nas artes da astúcia e da manipulação, para ganhar as vontades fracas e falsas dos homens. Deveriam com o mesmo ardor tentar ganhar a vontade divina. Porque esta é a verdadeira vontade, esta não falseia, nem engana. Melhor esperar em Deus do que nos príncipes, pois dos homens nada se deve esperar. “Não espereis nos homens, porque não há neles justiça para o merecimento nem agradecimento para o benefício, nem fidelidade para as promessas, nem constância na amizade, nem respeito ou atenção a outras esperanças que as suas.” (VIEIRA, 1959, v. 5, Tomo XIV, p. 291)

NOTAS

¹Por causa do mau tempo, faz uma parada em Alicante e Marselha, prosseguindo até Livorno.

²A Igreja Católica sofre graves feridas provocadas pelo seu pai, Gustavo Adolfo da Suécia, “cuja intenção na luta entre catolicismo e protestantismo conduziu à paz de Vestfália”. (ACTAS, 1999, p. 1805).

³Na linha agustiniana, ocorre lembrar Gil Vicente, na sua definição de *alma*: “Alma humana, formada / De nenhũa coisa feita”, em *Auto da Alma*, v. 43-44.

⁴Três são os nomes que designam a alma nas línguas bíblicas: *nefesh* (hebreu), *psyché* (grego) e *anima* (latim). Todas elas associadas à idéia de sopro, de vida.

REFERÊNCIAS

ACTAS do Terceiro Centenário da Morte do Padre Antônio Vieira. Congresso Internacional, 3 vols. Braga: Universidade Católica Portuguesa: Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1999.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAIS, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CIDADE, Hernâni. *P.^e Antônio Vieira, a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1979.

MENDES, Margarida Vieira. *Sermões do Padre Antônio Vieira, textos literários*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1987.

_____. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

PÉCORA, Alcir. Tópicos políticas dos escritos de Antônio Vieira. *Voz lusíada: Revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes*. São Paulo: Green Forest do Brasil, 1997.

PLATÃO. *Górgias*. Lisboa: Lisboa Editora, 1995.

_____. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SANTO Agostinho. *Sobre a potencialidade da alma*. Petrópolis: Vozes, 1997.

VIEIRA, P.^o Antônio. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1959.

_____. *Cartas*, v. II. Organização de João Lúcio de Azevedo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971.

_____. *Cartas do Padre Antônio Vieira*, v. III. Organização de João Lúcio de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.